

O PAPEL DA LINGUAGEM NA ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA DE TUGENDHAT

The role of language in philosophical anthropology of tugendhat

Debora Fontoura de Oliveira*

Resumo: Ernst Tugendhat, em alguns de seus trabalhos, defende que qualquer questionamento filosófico tem como base a pergunta “o que é o homem?”, ou melhor, “o que somos como seres humanos?”. Por esta razão, ele propõe que a Antropologia deve assumir o papel de uma Filosofia Primeira. Além disso, destaca a linguagem como um elemento importante para compreender o ser humano. Considerando isso, este artigo tem como objetivo expor uma interpretação acerca do papel da linguagem na Antropologia de Tugendhat. Para isso, na primeira parte do artigo será apresentada a tese de Tugendhat encontrada em seu texto “Antropologia como Filosofia Primeira”, para na segunda parte diferenciar a Antropologia Filosófica da Antropologia Empírica, na tentativa de explicar o que seria a concepção de Antropologia desse filósofo. Ao fim, busca-se fazer algumas observações sobre o papel da linguagem para a Antropologia. Pretende-se, a partir disso, destacar a ênfase que Tugendhat dá ao método de análise da linguagem, através do qual seria possível fazer uma investigação acerca da estrutura do entendimento humano.

Palavras-chave: Tugendhat. Antropologia. Filosofia Primeira. Linguagem.

Abstract: Ernst Tugendhat, in some of his work, argues that any philosophical inquiry is based on the question “What is man?”, or rather, “what we are as human beings?”. For this reason, he proposes that Anthropology should assume the role of a First Philosophy. Furthermore, he highlights language as an important element in understanding the human being. Considered that, this article aims to present an interpretation of the role of language in the anthropology of Tugendhat. For this reason, in a first part of the paper will be presented the Tugendhat’s thesis found in his text “Anthropology as First Philosophy”, in a second to differentiate the Philosophical Anthropology of Empirical Anthropology in an attempt to place what would be the design of Anthropology of the philosopher. At the end, I intend to discuss some remarks against the role of language in Anthropology. It is intended, from this, highlight the emphasis that Tugendhat gives to the method of analysis of language, whereby it would be possible to make an inquiry about the structure of human understanding.

Keywords: Tugendhat. Anthropology. First Philosophy. Language.

*Doutoranda em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Bolsista CAPES/PROSUP. E-mail: debbyfontoura@gmail.com

Introdução

Antropologia como Filosofia Primeira é um título provocativo, dado que se contrapõe a uma grande tradição filosófica. Neste artigo Ernst Tugendhat defende, em contraposição à visão aristotélica, que a Antropologia deve assumir o papel de uma Filosofia Primeira. Em outras palavras, para esse autor, a Antropologia é a base de todas as perguntas e disciplinas filosóficas. Todavia, ao opor-se à tradição, não estaria Tugendhat decretando a “morte da Metafísica”? Ou ainda, poderia a Antropologia assumir a tarefa de uma “Filosofia Primeira”?

É em sua obra *Metafísica*, no início do livro IV, que Aristóteles definirá o conceito de “Filosofia Primeira” e colocará a Metafísica como questão fundamental da Filosofia. A Metafísica, entendida como a ciência que estuda o ente enquanto ente, é a Filosofia Primeira, a ciência suprema, a única com caráter universal e que poderia responder à pergunta sobre “o que é o ser”¹.

No texto de Tugendhat, a noção de “Filosofia Primeira” parece não ter a carga que possuía em Aristóteles. Este filósofo reconhece que há tantas partes da Filosofia quantas são as substâncias e que é necessário existir uma Filosofia Primeira, à qual cabe a tarefa de estudar o ser enquanto ser. Nesta interpretação aristotélica, a Filosofia Primeira tem como objetivo estudar a essência (*ousía*) como realidade última. É nesse sentido que ele reconhece o papel da Metafísica como Filosofia Primeira, tornando-a a ciência das causas e princípios da substância².

A noção de “Filosofia Primeira” à qual Tugendhat parece aludir remete mais precisamente “àquela que serve de base para todas as outras disciplinas”, ou melhor, “àquela da qual todas as outras disciplinas e questionamentos filosóficos dependem”. Nesse sentido, parece fácil a Tugendhat reconhecer que a Antropologia é quem assume esse papel. Para isso, ele sustenta que é necessário compreender o sentido essencial do humano não remetendo a uma busca suprassensível. Entretanto, deve-se ressaltar que a Antropologia tratada pelo autor não é apenas uma disciplina filosófica ou uma Antropologia Empírica, mas ele parece trazer uma nova interpretação para a Antropologia Filosófica, como será visto adiante.

Deste modo, no decorrer desse artigo será exposta a tese de Tugendhat, encontrada em seu texto *Antropologia como Filosofia Primeira*, de que a Antropologia deve assumir o papel de uma Filosofia Primeira. Depois, para tentar entender como o método de análise da linguagem se torna

¹ Cf. ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. Giovanni Reale. v.II. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p.273.

² Nas palavras de Aristóteles: “Existe uma ciência que considera o ser enquanto ser e as propriedades que lhe competem enquanto tal. Ela não se identifica com nenhuma das ciências particulares: de fato, nenhuma das outras ciências considera universalmente o ser enquanto ser, mas, delimitando uma parte dele, cada uma estuda as características dessa parte” (ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. Giovanni Reale. v.II. São Paulo: Edições Loyola, 2002, 1003a, 20ss).

essencial para compreender o homem, se recorrerá também a outros de seus trabalhos que enfocam o papel da Antropologia e da linguagem.

1. Tugendhat: problema e tese

Tugendhat, em *Antropologia como Filosofia Primeira*, inicia o texto deixando claro o seu objetivo: aprofundar a tese de que a Antropologia não é simplesmente uma disciplina filosófica, mas que ela deveria ser considerada a Filosofia Primeira, e justifica: “a pergunta ‘o que somos como seres humanos?’ é aquela em que se baseiam todas as outras perguntas e disciplinas filosóficas”³. No entanto, não basta simplesmente afirmar, é necessário expor como ele chega a essa conclusão. Para isso, primeiramente é necessário entender o que o faz defender a Antropologia como Filosofia Primeira. Além disso, é importante apresentar no que a Antropologia de Tugendhat difere das demais e o que ela tem de especial para assumir o papel de base de todos os questionamentos filosóficos.

É fato que a Antropologia assume um papel importante na Filosofia, entretanto, seria ela a Filosofia Primeira? Na primeira parte de seu texto, Tugendhat ressalta que a base comum entre as disciplinas filosóficas não poderia ser a Metafísica como se sustentava: “Hoje, e desde há algum tempo, fala-se do fim da Metafísica”⁴. Esta não serve, pois, além de fazer referência a algo suprassensível, ela não possui uma única definição, o que nas próprias obras de Aristóteles já era possível visualizar⁵.

Mas se não é a Metafísica, então o que seria essa base comum? De acordo com Tugendhat, só poderia ser o “entendimento”. Este está na base da Filosofia Teórica, da Filosofia Prática, da Ontologia e até da Teologia. “Assim, o recurso ao entendimento humano oferece-se como ponto de partida natural [...]. Parece difícil ter de imaginar uma disciplina filosófica que não remete ao entendimento humano”⁶. É a partir desta afirmação que Tugendhat ressalta o papel da Antropologia:

Essa pergunta pelo entendimento dos seres humanos, tanto da compreensão deles mesmos como do mundo, parece ser o ponto-chave da Antropologia [...]. Parece evidente que é precisamente o entendimento humano que faz com que a Antropologia se situe na base das outras disciplinas, pois o que é ser, o que é dever,

³ TUGENDHAT, E. “Antropologia como Filosofia Primeira”. Trad. Ernildo Stein. In: *Hermenêutica e Filosofia Primeira: Festschrift para Ernildo Stein*. Editora Unijuí, 2006a, p.77.

⁴ TUGENDHAT, E. “Antropologia como Filosofia Primeira”. Trad. Ernildo Stein. In: *Hermenêutica e Filosofia Primeira: Festschrift para Ernildo Stein*. Editora Unijuí, 2006a, p.78.

⁵ Tugendhat afirma que Aristóteles em sua *Metafísica* ora perguntava pelo ser (ontologia), ora pelos entes suprassensíveis, ou ainda por Deus (Teologia) (Cf. TUGENDHAT, E. “Antropologia como Filosofia Primeira”. Trad. Ernildo Stein. In: *Hermenêutica e Filosofia Primeira: Festschrift para Ernildo Stein*. Editora Unijuí, 2006a, p.78). Ver também: REALE, G. *Metafísica – Aristóteles*: Ensaio introdutório. v.I. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

⁶ TUGENDHAT, E. “Antropologia como Filosofia Primeira”. Trad. Ernildo Stein. In: *Hermenêutica e Filosofia Primeira: Festschrift para Ernildo Stein*. Editora Unijuí, 2006a, p.77.

o que é uma ação, etc., sempre remete precisamente a esse aspecto do ser dos homens, ao seu entender⁷.

Nesse sentido, perguntar pelo “que somos como seres humanos” é o mesmo que perguntar pelo “entendimento humano”, na medida em que ele consiste no “aspecto de ser dos homens”. Para Tugendhat, esse “entendimento humano”, que é central para a Antropologia, torna-se a base de todas as disciplinas filosóficas.

Para compreender como isso funciona, ele destaca a importância da Antropologia de Kant, o qual resumiu o campo da filosofia a quatro perguntas: Que posso saber? Que devo fazer? Que posso esperar? Que é o homem? Segundo Tugendhat, Kant foi o primeiro a conceber a Antropologia como Filosofia Primeira, pois defendeu que as três primeiras perguntas podem ser reduzidas a última, conduzindo tudo a uma pergunta antropológica⁸. Além disso, Kant compreendeu a Antropologia não como mais uma disciplina, ou como história, mas elaborou uma Antropologia fundada sobre como pensar e o que fazer do fato de que somos seres humanos⁹.

Ademais, a maneira como Kant formula as perguntas não é por acaso, elas inclusive indicam o próprio método da Antropologia¹⁰. Esse filósofo não só formula as questões em um sentido objetivo – terceira pessoa do singular representada na pergunta “que é o homem?” –, mas mostra como a própria escolha pela primeira pessoa do singular é o que torna possível o acesso ao entendimento. Ao usá-la, ele não remete a um sentido de entender-se autobiograficamente, mas de uma reflexão sobre “meu próprio entendimento”, que é acessado exclusivamente pela primeira pessoa, do singular ou do plural.

A reflexão que é feita na Antropologia inclui não somente o entendimento em um sentido particular – “sei o que eu entendo” –, mas também dá conta de um “entendimento compartilhado”¹¹. Há aqui, de acordo com Tugendhat, uma dinâmica que vai do subjetivo ao “mais e mais objetivo” no sentido de intersubjetivo. Ele destacará que Kant não estava querendo responder as perguntas na primeira pessoa do singular, mas que o seu objetivo seria mais amplo, a saber, de alcançar o campo da intersubjetividade. Por isso, as perguntas poderiam ser reescritas na primeira pessoa do plural – “O que podemos conhecer?”; “O que devemos fazer?”; “O que nos é permitido esperar?”¹².

Ao tratar com a primeira e a terceira pessoa, do singular e do plural, o entendimento dos seres humanos relaciona-se consigo mesmo e com o mundo, e isso é o que faz com que o núcleo da

⁷ TUGENDHAT, E. “Antropologia como Filosofia Primeira”. Trad. Ernildo Stein. In: *Hermenêutica e Filosofia Primeira: Festschrift para Ernildo Stein*. Editora Unijuí, 2006a, p.80.

⁸ Cf. TUGENDHAT, E. “Antropologia como Filosofia Primeira”. Trad. Ernildo Stein. In: *Hermenêutica e Filosofia Primeira: Festschrift para Ernildo Stein*. Editora Unijuí, 2006a, p.79.

⁹ Kant defendeu uma Antropologia pragmática. Para esclarecimentos sobre a sua posição ver: KANT, I. *Antropologia pragmática*. Trad. G. Vidari, Laterza: Roma-Bari, 2006.

¹⁰ As três primeiras perguntas seriam subjetivas – sobre o “eu” –, enquanto que a última é objetiva – em terceira pessoa.

¹¹ “[...] cada um de nós sabe apenas o que ‘nós’ entendemos por ser, ação, etc., quando se dá conta daquilo que ele entende: nosso entendimento é essencialmente um entendimento compartilhado [...]” (TUGENDHAT, E. “Antropologia como Filosofia Primeira”. Trad. Ernildo Stein. In: *Hermenêutica e Filosofia Primeira: Festschrift para Ernildo Stein*. Editora Unijuí, 2006a, p.80).

¹² Cf. TUGENDHAT, E. “Antropologia como Filosofia Primeira”. Trad. Ernildo Stein. In: *Hermenêutica e Filosofia Primeira: Festschrift para Ernildo Stein*. Editora Unijuí, 2006a, p.79.

Antropologia seja o “entendimento” – o qual torna-se uma noção intersubjetiva –, e o método seja o de análise da linguagem. Segundo Tugendhat, não é o fato de todos pertencerem à mesma espécie que torna a Antropologia a base comum de todas as disciplinas filosóficas, mas o fato de que os seres humanos podem dialogar uns com os outros – “entendimento compartilhado”.

Sendo assim, tal autor, ao considerar a Antropologia essa base comum, reconhece que a pergunta fundamental da Filosofia deve estar estreitamente ligada à pergunta antropológica: “em que consiste a estrutura de nosso entendimento?”. Essa relação entre Filosofia e Antropologia parece ser identificada no momento em que a questão central da Filosofia é aquela que busca dar um sentido, um caminho para a vida, indicando como se “deve viver” com base no que é “bom”; sendo aquele questionamento feito não somente em primeira pessoa, mas também em relação aos outros, com pretensão intersubjetiva¹³.

Contudo, tal pergunta só pode ser respondida se há uma compreensão prévia do que “somos como seres humanos”. Ou seja, não é possível pensar sobre “como devemos viver?”, ou nos questionarmos sobre o “bem”, sem antes nos questionarmos sobre a estrutura do entendimento humano. A pergunta básica da Filosofia “[...] é a pergunta básica do ‘nós’ como seres humanos”¹⁴, o que retoma o questionamento antropológico.

Desta forma, ao reconhecer o “entendimento dos seres humanos” como o ponto-chave da Antropologia, Tugendhat diferencia a sua concepção de Antropologia da Antropologia Empírica, a qual é apenas uma descrição das culturas, uma vez que “investiga, em primeiro lugar, culturas que estão longe de nós”¹⁵, e por isso não alcança uma compreensão sobre o homem. Para Tugendhat, somente a Antropologia Filosófica consegue compreender o “nosso próprio entendimento”. Entretanto, como entender exatamente o que é a Antropologia de Tugendhat?

1.1. Antropologia e antropologias: a posição de Tugendhat

A grande preocupação do homem foi sempre tentar achar uma resposta para a pergunta “o que é o homem?”. No decorrer da história, seja da Filosofia, da Sociologia ou da Ciência, existiram diversas teorias que tentaram respondê-la. Como declara Mondin, “esta é a grande, a máxima interrogativa, a interrogativa das interrogativas”¹⁶.

¹³ Cf. TUGENDHAT, E. “Antropologia como Filosofia Primeira”. Trad. Ernildo Stein. In: *Hermenêutica e Filosofia Primeira*: Festschrift para Ernildo Stein. Editora Unijuí, 2006a, pp.82-83.

¹⁴ TUGENDHAT, E. “Antropologia como Filosofia Primeira”. Trad. Ernildo Stein. In: *Hermenêutica e Filosofia Primeira*: Festschrift para Ernildo Stein. Editora Unijuí, 2006a, p.83.

¹⁵ TUGENDHAT, E. “Antropologia como Filosofia Primeira”. Trad. Ernildo Stein. In: *Hermenêutica e Filosofia Primeira*: Festschrift para Ernildo Stein. Editora Unijuí, 2006a, p.87.

¹⁶ MONDIN, B. *O homem: quem é ele?* Elementos de antropologia filosófica. Trad. R. L. Ferreira e M. A. S. Ferrari. 13.ed. São Paulo: Paulus, 2008, prefácio.

No decorrer da história da Filosofia, a preocupação pelo que é o homem permeou grande parte do pensamento dos filósofos. Porém, é a partir de Kant que objetivamente fala-se em Antropologia. Mostrou-se, a partir dele, a necessidade de se estabelecer um estudo antropológico, de se fundar uma Antropologia Filosófica que fosse capaz não de explicar simplesmente o que é o homem, mas de compreendê-lo em sua totalidade.

Na interpretação de Mondin¹⁷ o termo “Antropologia” é utilizado para denominar três disciplinas bem diferentes: a Antropologia Física (estuda o homem no seu campo físico); a Antropologia Cultural ou Etnológica (estuda o homem e sua história); e a Antropologia Filosófica (estuda o homem e seus princípios últimos)¹⁸. Resta saber o que seria a Antropologia de Tugendhat e de que maneira ela se diferenciaria das outras. Daí a razão pela qual Tugendhat contrapõe a Antropologia Cultural à Antropologia Filosófica.

A Antropologia Empírica ou Cultural não se interessa pelo estudo do homem em sua totalidade, mas sim por alguns de seus aspectos particulares, dado que estuda o homem no âmbito de seus acontecimentos históricos. Dentro desta concepção antropológica há a possibilidade de mudar a compreensão do que é o homem simplesmente mediante uma mudança de contexto, de relações existentes em determinados momentos, pois, analisa-se o homem pelo seu viver em uma determinada sociedade. Ou seja, estuda-se as características empíricas de culturas particulares, procurando descrever como os indivíduos vivem em uma dada comunidade, levando em consideração apenas as condições históricas.

A Antropologia Filosófica, ao contrário, tem como objeto de estudo o homem como um todo, isto é, as características que pertenceriam a todo ser humano, o que o diferencia dos outros animais. O seu objetivo é o de chegar à universalidade. Todavia, para Tugendhat as duas disciplinas – a Antropologia Cultural e a Filosófica – se aproximam, no mesmo sentido intersubjetivo que ele defendeu para o entendimento, além de haver nelas uma perspectiva subjetiva e outra objetiva¹⁹.

A Antropologia de Tugendhat é uma Antropologia Filosófica, que além de buscar a totalidade do homem, também tem um aspecto reflexivo. Há uma dinâmica entre ela e as investigações da Antropologia Empírica. De acordo com esse autor, a Antropologia Filosófica não tem caráter *a priori*, o que torna possível a sua relação com a Antropologia Empírica, podendo esta corrigir alguma característica daquela.

Para Tugendhat, a Antropologia Empírica faz uma investigação em terceira pessoa, enquanto que a Antropologia Filosófica investiga o “eu”, o “nós”, “o nosso entendimento humano”. Por isso,

¹⁷ Cf. MONDIN, B. *O homem: quem é ele?* Elementos de antropologia filosófica. Trad. R. L. Ferreira e M. A. S. Ferrari. 13.ed. São Paulo: Paulus, 2008, p.9.

¹⁸ Esta é uma das interpretações, entre tantas. Há, por exemplo, a interpretação de Ernildo Stein, em seu livro *Antropologia Filosófica: Questões Epistemológicas*, no qual ele afirma que hoje em dia fala-se em Antropologia Metafísica, Existencial, Analítica, Hermenêutica, Naturalista, Dialética etc. Apesar dessa diversidade de Antropologias com pretensões totalizantes, “[...] é certo que a Antropologia nunca ocupará o lugar da Metafísica” (STEIN, E. *Antropologia Filosófica: Questões Epistemológicas*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009, p.34).

¹⁹ Cf. TUGENDHAT, E. “Antropologia como Filosofia Primeira”. Trad. Ernildo Stein. In: *Hermenêutica e Filosofia Primeira: Festschrift para Ernildo Stein*. Editora Unijuí, 2006a, p.87.

somente a Antropologia Filosófica poderia dar respostas àquilo que realmente é a questão filosófica: como os seres humanos entendem-se a si mesmos, aos outros e ao mundo. É a partir dela que se poderia buscar uma resposta para a indagação sobre “como devemos viver como seres humanos”²⁰.

Além disso, a Antropologia Filosófica defendida por esse autor não se opõe somente à Metafísica, mas também a um elemento histórico, isto é, à suposição de que a vida do ser humano poderia ser orientada pelo passado ou ainda por autoridades – sejam humanas ou divinas –, pois, “[...] o mero fato de que uma concepção é justificada pela tradição não pode ser uma razão para aceitá-la”²¹. Ambas as concepções, metafísica e histórica, fazem uma análise do ser humano em terceira pessoa, o que não diz muita coisa sobre o ser humano e muito menos sobre o seu entendimento.

Assim, o ponto em que Tugendhat se apoia para sustentar a sua tese – Antropologia como Filosofia Primeira – é de que nem a Metafísica clássica, nem a História, nem a Religião estariam preparadas para dar conta da pergunta sobre o que é o homem²². Somente a Antropologia poderia alcançar uma resposta para a questão “o que somos como seres humanos?”, na medida em que é ela que se preocupa com o acesso ao “entendimento”, o qual está na base de toda a Filosofia.

Mas como entender exatamente a estrutura do entendimento humano que é o núcleo da Antropologia? Para responder a esta pergunta, Tugendhat retoma a argumentação aristotélica a respeito da linguagem humana. É através da análise da linguagem que é possível compreender o entendimento do ser humano sem recorrer a elementos metafísicos. A seção seguinte tem, então, o objetivo de esclarecer a relação entre a linguagem, enquanto um método, e a Antropologia Filosófica.

2. A análise da linguagem como o método da Antropologia

Como pôde ser observado na seção anterior, Tugendhat sustenta que a pergunta antropológica fundamental pela “estrutura do entendimento do ser humano” é a base de todas as disciplinas filosóficas, dado que todos os questionamentos pressupõem a resposta pelo “nosso entendimento”. Mas seria isso legítimo? Essa pergunta pela estrutura do entendimento dos seres humanos é estritamente da Antropologia?

Em *Nietzsche e o Problema da Transcendência Imanente* Tugendhat define o significado de Antropologia Filosófica:

²⁰ TUGENDHAT, E. “Antropologia como Filosofia Primeira”. Trad. Ernildo Stein. In: *Hermenêutica e Filosofia Primeira*: Festschrift para Ernildo Stein. Editora Unijuí, 2006a, p.88.

²¹ TUGENDHAT, E. “Antropologia como Filosofia Primeira”. Trad. Ernildo Stein. In: *Hermenêutica e Filosofia Primeira*: Festschrift para Ernildo Stein. Editora Unijuí, 2006a, p.89.

²² Ver: TUGENDHAT, E. “As raízes antropológicas da religião e da mística”. In: ROHDEN, V. (Org.). *Não Somos de Arame Rígido*: Conferências apresentadas no Brasil 2001. Canoas: Ed. ULBRA, 2002a, pp.93-111.

A antropologia filosófica distingue-se da antropologia enquanto etnologia que é o estudo de diferentes culturas humanas (em inglês, se chama “cultural anthropology”). A antropologia filosófica é usada para designar o que é que distingue o homem em geral de outros animais. [...] Pode-se dizer que toda filosofia, desde Platão, tem como núcleo a pergunta pelo modo como devemos entender a nós próprios, ou seja, “o que é o homem?” [...] Pode-se dizer, então, que a antropologia filosófica é a herdeira da metafísica e, portanto, deveria ser considerada a filosofia primeira de hoje²³.

Em outro texto, *As raízes antropológicas da religião e da mística*, Tugendhat afirma que também se ocupará de Antropologia, “[...] quer dizer, das estruturas nas quais a espécie humana se distingue de outros animais”²⁴, e defende que o traço que distingue o homem é a linguagem, ou melhor, é o fato de que os seres humanos falam numa *linguagem predicativa proposicional*. Além disso, “[...] conectadas com esta estrutura linguística estão as capacidades de reflexão, de deliberação, de objetivação e de poder dar razões e também a liberdade”²⁵.

Essa mesma argumentação é encontrada em ambos os textos: o que distingue o homem dos outros animais é a linguagem proposicional, ou seja, a capacidade que o homem tem de se comunicar proposicionalmente sobre o bom, o justo, etc. O homem é o único capaz de deliberar, de pedir razões, argumentação que também já foi apontada no seu texto *Antropologia como Filosofia Primeira*.

O que é possível concluir disso é que essas capacidades reflexivas do ser humano derivam da estrutura proposicional da linguagem. O que implicaria que a capacidade do homem refletir sobre seus desejos, sobre o que é “bom”, somente é possível por ele possuir uma estrutura linguística, e não é uma estrutura qualquer, mas uma *linguagem predicativa proposicional*. Tugendhat resgata isso de Aristóteles, quando este afirma que os seres humanos se reúnem socialmente a partir da capacidade de se comunicarem sobre o que é bom, o que é justo. Porém, isso só é possível pela capacidade de fazer uso da linguagem proposicional – predicativa. E é por esta capacidade que o ser humano pensa, questiona, deseja, concebe o que é liberdade e responsabilidade²⁶. Em outras palavras, é a partir da capacidade de dialogar, de fazer uso de sentenças proposicionais, que o ser humano faz uso de seu entendimento. Para Tugendhat:

Tudo isso significa que com a linguagem proposicional aparecem vários traços antropológicos fundamentais que estão interconectados: deliberação, pergunta, racionalidade, liberdade, responsabilidade. [...] Creio que uma das vantagens dessa concepção que considera a linguagem proposicional como ponto-chave para entender o que é próprio da espécie *ánthropos* é que, quando se começa com ela,

²³ TUGENDHAT, E. “Nietzsche e o Problema da Transcendência Imanente”. In: *ethic@*, Florianópolis, v.1, n.1, pp.47-62, Junho de 2002b. Disponível em: <<<http://www.journal.ufsc.br/index.php/ethic/article/view/14535/0>>>. Acessado em: 04 de abril de 2011.

²⁴ TUGENDHAT, E. “As raízes antropológicas da religião e da mística”. In: ROHDEN, V. (Org.). *Não Somos de Arame Rígido: Conferências apresentadas no Brasil 2001*. Canoas: Ed. ULBRA, 2002a, p.46.

²⁵ TUGENDHAT, E. “As raízes antropológicas da religião e da mística”. In: ROHDEN, V. (Org.). *Não Somos de Arame Rígido: Conferências apresentadas no Brasil 2001*. Canoas: Ed. ULBRA, 2002a, p.46.

²⁶ TUGENDHAT, E. “Antropologia como Filosofia Primeira”. Trad. Ernildo Stein. In: *Hermenêutica e Filosofia Primeira: Festschrift para Ernildo Stein*. Editora Unijuí, 2006a, p.84.

podemos dar-nos conta imediatamente das funções que tem para a sobrevivência, e assim é possível entender por que essa espécie pode aparecer dentro da evolução biológica²⁷.

Desse modo, Tugendhat destaca um papel importante para a linguagem dentro da Antropologia, porém ela não é o núcleo, pois não é possível reduzir o entendimento a algo puramente linguístico. A análise da linguagem auxilia na descrição de como devemos agir, todavia ela não é capaz de dar a resposta a algumas questões sobre a existência humana, ela apenas possibilita a compreensão da estrutura do entendimento humano. “Defendo apenas que a linguagem ocupa um lugar central no entendimento humano e creio que vale a pena perguntar pelas consequências que a linguagem proposicional tem para a maneira como vivemos, mas estou bem longe de ter uma ideia sistemática e abrangente do entendimento e do ser humano”²⁸.

Tugendhat afirmou ainda, que a única justificativa pela qual os seres humanos se reúnem em grupos sociais se baseia na capacidade de comunicação – comunicar-se sobre o que consideram “bom” –, diferente dos outros animais. A estrutura predicativo-proposicional proporciona ao homem a possibilidade de dizer coisas que são independentes da situação de fala²⁹. Se em uma sociedade humana as relações são pautadas pela linguagem e através dela é possível deliberar, perguntar, investigar, não seria através dela – linguagem – que seria possível encontrar a resposta para a pergunta “o que somos como seres humanos?”

Tugendhat tem uma saída para este questionamento: ao situar a Antropologia como Filosofia Primeira ele não exclui a linguagem, inclusive a concebe como sendo de suma importância, como já foi observado. Entretanto, ela não pode ser considerada a base de todas as disciplinas filosóficas, pois a análise da linguagem não conseguiria responder a algumas questões sobre a existência humana. Ele próprio responde em uma entrevista para a Revista *etic@*³⁰:

²⁷ TUGENDHAT, E. “Antropologia como Filosofia Primeira”. Trad. Ernildo Stein. In: *Hermenêutica e Filosofia Primeira: Festschrift para Ernildo Stein*. Editora Unijuí, 2006a, p.85.

²⁸ TUGENDHAT, E. “Antropologia como Filosofia Primeira”. Trad. Ernildo Stein. In: *Hermenêutica e Filosofia Primeira: Festschrift para Ernildo Stein*. Editora Unijuí, 2006a, p.86.

²⁹ Cf. TUGENDHAT, E. “Nietzsche e o Problema da Transcendência Imanente”. In: *etic@*, Florianópolis, v.1, n.1, pp.47-62, Junho de 2002b. Disponível em: <<<http://www.journal.ufsc.br/index.php/etic/article/view/14535/0>>>. Acessado em: 04 de abril de 2011: “A característica do homem é que ele fala e pensa em proposições teóricas e práticas e é, por isso, um ente deliberativo que se relaciona com o bom e o verdadeiro. Nenhuma dessas coisas pode ser encontrada nos outros animais [...] Deste modo, junto com a linguagem proposicional, aparecem, necessariamente, vários aspectos que representam diferentes lados da mesma coisa: pergunta, deliberação, razões, liberdade. Quando Aristóteles diz que para o entendimento humano a linguagem proposicional (Aristóteles usa a palavra *lógos*) é essencial, isso significa que o homem é o animal que pode perguntar por razões, o animal racional, ou seja, o ente deliberativo, livre”.

³⁰ A pergunta realizada pela revista a Tugendhat é: “*etic@*: Nos últimos anos você mostrou um forte interesse pela Antropologia, não por uma Antropologia Cultural. Você poderia nos dizer por que você pensa que a Antropologia poderia representar um tipo de Filosofia Primeira? Faria sentido, em nossos dias, falar ainda de uma Filosofia Primeira? E por que este papel é dado à Antropologia e não a Filosofia da Linguagem?” (TUGENDHAT, E. “I Would Consider Myself to Be a Naturalist”. In: *etic@*. Florianópolis, v.5, n.1, pp.1-6,

[...] Eu considero a Antropologia filosófica e a Filosofia da Linguagem estreitamente amarradas uma a outra, e acredito que seria dogmático declarar que todo entendimento humano poderia ser reduzido a um entendimento linguístico. Além disso, eu acredito que nós estamos interessados no esclarecimento de algumas características essenciais da existência humana e não estou tão certo de que isso poderia ser feito simplesmente através da análise da linguagem. [...] talvez nós pudéssemos falar, ao invés de Antropologia, de entendimento humano. Além disso, eu tenho quase certeza de que a forma como entendemos a nós mesmos, os outros e o mundo em que vivemos, é a base de todos os nossos questionamentos filosóficos. Quando eu comecei a desenvolver esta tese, que apresentei em um artigo em espanhol contido no meu livro “Problemas” [Barcelona: Gedisa, 2002], foi de algum modo uma tentativa de dizer que nós, como filósofos, temos a ver com questões fundamentais e não é muito sensível compartimentalizar o que nós fazemos na Filosofia em diferentes assuntos. Esse caso da compartimentalização filosófica pode ser visto (claramente, na minha visão) no que eles chamam de “Filosofia da Ação”. Eu penso que a Filosofia da Ação deveria estar estreitamente ligada ao modo como as pessoas se sentem sobre elas mesmas e a ligação parece ser, obviamente, uma ligação antropológica³¹.

Tugendhat deixa claro que, na sua visão, a linguagem não poderia ser a base de todas as disciplinas filosóficas porque não conseguiria responder a todos os questionamentos sobre a existência do homem, mas a análise da linguagem é que possibilita o acesso ao entendimento humano. Por este motivo ele coloca a base no “entendimento humano”, que seria um elemento antropológico, e a linguagem como o método que auxilia na investigação do entendimento.

Em seu livro *Lições Introdutórias à Filosofia Analítica da Linguagem*, Tugendhat afirma:

Para a filosofia, a exigência de que devemos voltar nossa atenção às coisas só pode significar que devemos conceber a temática *a priori* em conexão com a experiência. O perigo de perder o contato com as coisas, ou seja, com a experiência, surge precisamente quando uma filosofia constrói no âmbito do *a priori* seu próprio mundo fictício de coisas com seu próprio modo de acesso não empírico [crítica à metafísica]. Ora se a experiência é a única temática para a filosofia, então o que é especificamente filosófico só pode ser a análise da linguagem³².

A linguagem, pelo discurso de Tugendhat, parece ser o caminho para fugir dos problemas metafísicos. O método que ele defendeu como Antropológico – o uso na primeira pessoa do plural e do singular – parece consistir em uma análise da compreensão linguística do seu próprio discurso, que levaria então à compreensão do mundo e do próprio homem. Um método que nada mais é do que uma análise da linguagem. Dessa forma, um aspecto característico dessa linguagem é a relação sujeito-predicado, na qual o homem fala das coisas (as objetiva) e, ao mesmo tempo, chega a ser também

Junho de 2006b. Disponível em: <<<http://www.journal.ufsc.br/index.php/ethic/article/view/17298/15868>>>. Acessado em: 04 de abril de 2011, p.1).

³¹ TUGENDHAT, E. “I Would Consider Myself to Be a Naturalist”. In: *ethic@*. Florianópolis, v.5, n.1, pp.1-6, Junho de 2006b. Disponível em: <<<http://www.journal.ufsc.br/index.php/ethic/article/view/17298/15868>>>. Acessado em: 04 de abril de 2011, p.1.

³² TUGENDHAT, E. *Lições Introdutórias à Filosofia Analítica da Linguagem*. Trad. Ronai Rocha. Rev. Ernst Tugendhat. Ijuí: Unijuí, 2006c, p.22.

objeto para si próprio³³. Deve-se destacar, então, que a análise da linguagem, como o próprio Tugendhat já observou, considera tanto a consciência do universal quanto do individual³⁴ e mostra-se como o método adequado para a Filosofia³⁵.

Deste modo, é através da linguagem predicativa proposicional que o homem se reconhece como ser humano e mantém relações consigo mesmo, com os outros e com o mundo de maneira intersubjetiva. Poder-se-ia dizer que o “entendimento” é dado pela linguagem, pois ela é o meio que torna possível a relação entre o mundo e nós. Além disso, para Tugendhat, é plausível pensar que a utilização da linguagem como método para o entendimento do ser humano tem tido uma função biológica e, uma vez que surgiu, esta estrutura se estendeu por toda a vida humana³⁶.

Em seu texto *Retraktationen zur Intellektuellen Redlichkeit*, Tugendhat reforça a importância da análise da linguagem para o filosofar. Todavia, o autor declara que um filósofo não deve se ocupar de explorar as palavras, mas sim as atitudes e disposições antropológicas centrais. Isto quer dizer que o método de análise da linguagem não se resume a um processo de análise linguística, mas sim a uma análise do uso efetivo da linguagem observando as atitudes e disposições antropológicas³⁷.

Considerações finais

Com base no que foi apresentado, espera-se ter conseguido expor a tese de Tugendhat, segundo a qual a Antropologia deve ser considerada a Filosofia Primeira, bem como a importância da análise da linguagem para a compreensão do entendimento humano.

³³ Cf. TUGENDHAT, E. “Nietzsche e o Problema da Transcendência Imanente”. In: *ethic@*, Florianópolis, v.1, n.1, pp.47-62, Junho de 2002b. Disponível em: <<<http://www.journal.ufsc.br/index.php/ethic/article/view/14535/0>>>. Acessado em: 04 de abril de 2011, p.55.

³⁴ Cf. TUGENDHAT, E. *Lições Introdutórias à Filosofia Analítica da Linguagem*. Trad. Ronai Rocha. Rev. Ernst Tugendhat. Ijuí: Unijuí, 2006c, p.232.

³⁵ Ernildo Stein, em seu artigo “Da Analítica da Linguagem à Antropologia Filosófica”, resume muito bem o que Tugendhat afirma: “Desse modo, a antropologia filosófica como nova disciplina fundamental que parte da questão de ‘quem somos nós seres humanos’ foi encontrada no caminho da analítica da linguagem e tornou-se, ao mesmo tempo, o lugar de nascimento da linguagem através da questão nuclear do ser humano que reside no compreender” (entender, *Verstehen*) (STEIN, E. “Da Analítica da Linguagem à Antropologia Filosófica”. In: *Revista Filosofazer*. Passo Fundo, v.17, n.33, jul./dez. 2008, pp.11-17. Disponível em: <<<http://www.ifibe.edu.br/seer/index.php/filosofazer/article/viewArticle/56>>>. Acessado em: 04 de abril de 2011, p.17).

³⁶ Cf. TUGENDHAT, E. “Nietzsche e o Problema da Transcendência Imanente”. In: *ethic@*, Florianópolis, v.1, n.1, pp.47-62, Junho de 2002b. Disponível em: <<<http://www.journal.ufsc.br/index.php/ethic/article/view/14535/0>>>. Acessado em: 04 de abril de 2011, p.55.

³⁷ Cf. TUGENDHAT, E. “Retraktationen zur Intellektuellen Redlichkeit”. In: *Anthropologie statt Metaphysik*. München: C. H. Beck, 2007, pp.85-113 (Trad. Adriano Naves de Brito). Neste artigo Tugendhat lança uma crítica à defesa da análise linguística feita por J. L. Austin, um dos representantes da filosofia da linguagem ordinária. Entretanto, defende o posicionamento de Wittgenstein, alegando que o mal entendido não se deve a este filósofo.

O que se sugere ao fim do trabalho é que talvez seja importante não reconhecer apenas a Antropologia como a base da Filosofia, mas sim, a Filosofia da Linguagem e a Antropologia, na medida em que há uma intrínseca relação entre elas. Ou seja, a análise da linguagem, como uso efetivo da linguagem, auxilia de um modo prático a Antropologia, uma vez que consegue clarificar como o entendimento do ser humano funciona.

Referências bibliográficas

- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. Giovanni Reale. v.II. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- KANT, I. *Antropologia pragmática*. Trad. G. Vidari, Laterza: Roma-Bari, 2006.
- MONDIN, B. *O homem: quem é ele?* Elementos de antropologia filosófica. Trad. R. L. Ferreira e M. A. S. Ferrari. 13.ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- REALE, G. *Metafísica – Aristóteles*: Ensaio introdutório. v.I. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- STEIN, E. *Antropologia Filosófica*: Questões Epistemológicas. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.
- _____. “Da Analítica da Linguagem à Antropologia Filosófica”. In: *Revista Filosofazer*. Passo Fundo, v.17, n.33, jul./dez. 2008, pp.11-17. Disponível em: <<<http://www.ifibe.edu.br/seer/index.php/filosofazer/article/viewArticle/56>>>. Acessado em: 04 de abril de 2011.
- TUGENDHAT, E. “Antropologia como Filosofia Primeira”. Trad. Ernildo Stein. In: *Hermenêutica e Filosofia Primeira*: Festschrift para Ernildo Stein. Editora Unijuí, 2006a, pp.77-94.
- _____. “As raízes antropológicas da religião e da mística”. In: ROHDEN, V. (Org.). *Não Somos de Arame Rígido*: Conferências apresentadas no Brasil 2001. Canoas: Ed. ULBRA, 2002a, pp.93-111.
- _____. “I Would Consider Myself to Be a Naturalist”. In: *ethic@*. Florianópolis, v.5, n.1, pp.1-6, Junho de 2006b. Disponível em: <<<http://www.journal.ufsc.br/index.php/ethic/article/view/17298/15868>>>. Acessado em: 04 de abril de 2011.
- _____. *Lições Introdutórias à Filosofia Analítica da Linguagem*. Trad. Ronai Rocha. Rev. Ernst Tugendhat. Ijuí: Unijuí, 2006c.
- _____. “Nietzsche e o Problema da Transcendência Imanente”. In: *ethic@*, Florianópolis, v.1, n.1, pp.47-62, Junho de 2002b. Disponível em: <<<http://www.journal.ufsc.br/index.php/ethic/article/view/14535/0>>>. Acessado em: 04 de abril de 2011.
- _____. “Retraktationen zur Intellektuellen Redlichkeit”. In: *Anthropologie statt Metaphysik*. München: C. H. Beck, 2007, pp.85-113 (Trad. Adriano Naves de Brito).